

# **OPINIONISMO: A QUESTÃO PAPAL SERIA APENAS MATÉRIA DE OPINIÃO?**

*Por Dom Donald Sanborn*

\*\*\*

A vacância da Sé Apostólica, o não papado de Bento XVI, e pelos mesmos motivos também os de João Paulo II, João Paulo I, Paulo VI e até mesmo o de João XXIII, é uma questão que divide os tradicionalistas pelos últimos cinquenta anos, talvez mais do que qualquer outra.

Entre aqueles que tomaram o caminho de resistência às reformas do Vaticano II, a maioria professa ser sedeplenista, isto é, eles sustentam que Francisco I é um verdadeiro Pontífice Romano. Eles normalmente o fazem sob a direção da Fraternidade São Pio X (ou ao menos estão influenciados por sua mentalidade). Outros, uma minoria, mas não insignificante, são sedevacantistas, isto é, eles dizem que Francisco I não é um verdadeiro Romano Pontífice, nem o são seus predecessores do Vaticano II.

Essa diferença de posição teológica tem causado uma agonia geral entre aqueles que resistem às Reformas Conciliares. Cada lado enuncia que sua posição é a correta e, claro, necessária para manter a posição católica. Cada lado acusa o outro de ser cismático.

No outono de 1979, o Arcebispo Lefebvre emitiu uma declaração em que afirmava que não iria tolerar na Fraternidade São Pio X aqueles que se recusassem a colocar o nome de João Paulo II no cânon da Missa. Ele expulsou alguns sacerdotes na Europa por terem recusado a observar essa resolução. Na primavera de 1980 ele veio aos Estados Unidos com a mesma agenda: expulsar aqueles que não nomeariam João Paulo II no cânon.

No decorrer das negociações com os sacerdotes americanos, porém, o Arcebispo Lefebvre chegou a uma espécie de acordo. Ele não iria mandar embora os sacerdotes da Fraternidade São Pio X, se eles concordassem de manter o sedevacantismo em privado. Eles poderiam omitir o nome de João Paulo do cânon, conquanto que não fizessem disso algo público. Assim nasceu o opinionismo. O próprio Arcebispo formulara o princípio fundamental do opinionismo: “Eu não digo que o Papa não é Papa, mas eu também não digo que alguém não possa dizer que o Papa não é Papa”.

O objetivo deste artigo é examinar o opinionismo, e também julgar se ele é ou não uma posição legítima de se tomar. A identidade do Romano Pontífice pode ser matéria de opinião?

## **1. O QUE É UMA OPINIÃO?**

Uma opinião é uma ideia ou doutrina que se sustenta como provavelmente verdadeira. Ao mesmo tempo, porém, tem-se um medo fundamentado de que o oposto seja verdadeiro. A mente definitivamente se inclina a uma ideia e rejeita a oposta, mas não completamente. Ela não aceita uma totalmente como verdadeira, nem rejeita totalmente a oposta como falsa. Isso acontece frequentemente em diagnósticos médicos. Até mesmo os médicos mais preparados têm frequentemente apenas uma opinião dos diagnósticos que fazem. Eles são incapazes de ter uma certeza absoluta pela falta de evidência suficiente para produzi-la. Portanto, eles pensam ou opinam que seus pacientes possam ter certa doença, mas eles não se surpreenderiam caso descobrissem algo distinto com o passar do tempo.

## **2. O QUE É UMA OPINIÃO TEOLÓGICA?**

Uma opinião teológica é uma doutrina que se sustenta, acerca de uma questão teológica, tendo receio de que a oposta possa ser verdadeira. Não é algo que já foi definido pela Igreja.

Concerne uma matéria que é “livre”, i.e., não há obrigação, por parte das declarações da Igreja, de defender um lado ou outro.

Muitos, porém, confundem opinião teológica com a conclusão teológica.

Uma conclusão teológica, que em latim diz-se “sententia theologica”, é uma doutrina teológica firme e certa, deduzida dos princípios derivados da revelação e da reta razão.

O problema é que o termo sententia em latim é comumente traduzido como opinião. Apesar disso, há muitas, muitas conclusões teológicas que são absolutamente certas, que no latim se chamariam sententia, mas que não são, de forma alguma, opiniões no sentido utilizado na tradução. Por exemplo, é uma conclusão teológica que Deus dá a todos os homens graça suficiente para salvar suas almas. Esse fato não foi diretamente revelado, nem foi declarado pela Igreja, mas é defendido por todos os teólogos como absolutamente certo. Não é algo que pode ser classificado como “opinião teológica”.

A teologia moral, porém, está repleta de opiniões teológicas, no verdadeiro sentido do termo. Os princípios morais são em si corretos e em muitos casos são de fide; mas, mesmo assim, são frequentemente difíceis de aplicar. Por conta disso, surgem facilmente diferentes escolas de pensamento sobre várias questões. Tipicamente essas são chamadas opiniões prováveis, isto é, posições que são provavelmente, mas não absolutamente, corretas.

Às vezes a teologia moral não nos permite ir além do provável. Os atos humanos são tão complicados em suas circunstâncias que, frequentemente, não é possível alcançar uma plena certeza; chega-se a uma opinião teológica, com certo receio de que o oposto seja verdadeiro. É por essa razão que o juízo pode variar de sacerdote para sacerdote, no que concerne à aplicação de certo princípio moral. Não há disputa acerca do princípio, mas pode haver disputa acerca de sua aplicação.

É uma falácia, porém, dizer que, porque certa doutrina não foi definida ou ensinada pela Igreja, ela deva ser colocada na categoria de opinião teológica.

Teologia é uma ciência e, como qualquer outra ciência, tira conclusões de seus princípios mais altos. A Teologia tira seus mais altos princípios da própria Revelação, verdades a nós ensinadas por Deus, como estão contidas na Sagrada Escrita e na Tradição, e propostas para nossa crença pela Igreja Católica. Dessas verdades que guardamos por fé, os teólogos tiram conclusões que, apesar de não serem reveladas por Deus, derivam certamente das verdades reveladas por Ele.

Há algumas conclusões teológicas que são tão certas e que possuem tamanha autoridade que, se alguém as negasse, seria, pela lógica, obrigado a negar a própria Fé, mesmo que a Igreja nunca as tenha definido, nem mesmo ensinado por seu Magistério Ordinário. Elas são conclusões teológicas, mas estão intimamente ligadas à Revelação.

Apesar disso, muitos aplicam a falácia da “opinião teológica” ao problema do papado de Ratzinger. Dizem eles, “já que a Igreja não o declarou um não-Papa, é uma legítima opinião teológica sustentar que ele seja ou não seja Papa, pode sustentar-se aquilo que se achar mais conveniente. Nenhuma das duas posições é ofensiva à Fé.”.

Essa afirmação está cheia de erros.

1º Põe a identidade do Romano Pontífice, isto é, se Ratzinger é ou não o Vigário de Cristo, na categoria de “opinião teológica”;

2º Rebaixa a questão da identidade do Romano Pontífice a uma mera opinião teológica, como se fosse uma discussão entre teólogos semelhante àquela de quantos anjos cabem na cabeça de um alfinete;

3º Confunde conclusão teológica com opinião teológica;

4º Defende que se possa sustentar que Ratzinger é ou não Papa pela mera razão de que a Igreja não disse nada a respeito disso;

5º Sustenta que nenhuma das posições é ofensiva à Fé.

Examinarei detalhadamente cada um desses erros.

### 3. OS CINCO ERROS DO OPINIONISMO

**1º ERRO:** *O opinionismo põe a identidade do Romano Pontífice, isto é, se Ratzinger é ou não o Vigário de Cristo, na categoria de “opinião teológica”.*

O próprio termo opinião indica que não é certo se ele é ou não é Papa. É impossível sustentar, porém, que há falta de certeza nessa questão.

Aqueles que sustentam que ele é o Papa apontam por sinais absolutamente certos:

A eleição legal de Ratzinger foi universalmente aceita;  
Sua própria aceitação da eleição;  
Ratzinger atua como Papa;  
A aceitação universal de Ratzinger como Papa legítimo.

Nenhuma dessas coisas é incerta. Se alguém utiliza esses argumentos como evidência de seu papado, onde há espaço para dúvida?

Aqueles que argumentam contra seu papado utilizam argumentos que são certos e incontestáveis em si mesmos:

(1) Ele promulgou falsas doutrinas, ensinou uma falsa moral e disciplinas pecaminosas para a Igreja universal; (2) Ele disse coisas heréticas e agiu como um herege, e até mesmo como um apóstata, em muitas, muitas ocasiões; (3) Ele designou hereges e/ou apóstatas para a Cúria Romana e para Sés Episcopais, mantém-nos em poder e está em comunhão com eles.

Nenhum desses fatos é discutível ou está em dúvida. Eles são suficientes em si mesmos, particularmente o nº 1, para impedi-lo de ser Papa.

Então, se alguém sustenta que ele É Papa pelas razões alegadas, como se poderia sustentar que é uma opinião legítima sustentar que ele não é o Papa? Se, ao contrário, alguém sustenta que ele NÃO é Papa pelas razões alegadas, como se poderia dizer que é uma opinião legítima sustentar que ele é o Papa? Onde está a dúvida? Onde está nesses argumentos algum medo de que o lado oposto possa ser verdadeiro?

O sustentáculo teológico e a justificação moral do movimento tradicionalista é que o Vaticano II e suas reformas são falsos e maus. Elas são uma distorção substancial do Catolicismo. Por que nós estabelecemos um apostolado contra o de Ratzinger e contra o do Bispo Novus Ordo local, a não ser porque as doutrinas, ritos e disciplinas do Vaticano II e suas reformas são contrários à fé e à moral? Se eles não são contrários à fé e moral, então por que existe o movimento tradicionalista? Por que estamos fazendo isso? Que justificativa teríamos diante dos olhos de Deus?

Se, porém, é certo que o Vaticano II e suas reformas são contrários à fé e à moral, então é certo concluir que eles não foram promulgados pela Igreja. Se, ao contrário, é certo que eles foram promulgados pela Igreja, então é certo que aqueles que os promulgaram não representam a Igreja Católica. Então é certo que Ratzinger não é Papa.

A conclusão de que Ratzinger é Papa carrega necessariamente algumas conclusões: que as doutrinas, disciplinas e ritos que ele promulgou universalmente são católicas e não pecaminosas. Se Ratzinger é Papa, então, pela indefectibilidade e infalibilidade da Igreja, a religião que ele aprova e promulga é a verdadeira Fé Católica. Poder-se-ia praticar tudo em boa consciência, na verdade, dever-se-ia.

A conclusão, por outro lado, de que as doutrinas, disciplinas e ritos do Vaticano II são falsas, más e contrárias à Fé, à religião e aos bons costumes, carrega consigo necessariamente a seguinte conclusão: que a pessoa ou as pessoas que os promulgaram não possuem a autoridade de Cristo. A infalibilidade e indefectibilidade da Igreja, que derivam da assistência de Cristo prometida

solenemente, não pode sustentar que tais coisas aconteçam. Deve-se concluir o não papado de Ratzinger, caso se conclua que o Vaticano II é uma defecção da Fé.

Então é impossível, lógica e teologicamente, dizer: “eu aceito Ratzinger como Papa, mas eu rejeito o Vaticano II e suas reformas”. Da mesma forma, é impossível, lógica e teologicamente, dizer o oposto: “eu rejeito o Vaticano II e suas reformas, mas eu aceito Ratzinger como Papa”.

Em outras palavras, o papado de Ratzinger necessariamente significa que a religião que ele promulga é Católica, e o não catolicismo do Vaticano II e de suas reformas necessariamente significam que Ratzinger não pode ser Papa.

A Fraternidade Sacerdotal São Pio X é culpada da primeira falácia, a de aceitar Ratzinger como Papa, mas rejeitar sua religião. Eles constroem um descrédito mundial dele através do estabelecimento de um apostolado paralelo, no qual eles tentam atrair almas para fora dele e de sua hierarquia.

O opinionista é culpado da segunda falácia. Ele rejeita o Vaticano II e suas reformas, mas admite que a aceitação de Ratzinger seja teologicamente viável. Não faz sentido.

Se empreende-se uma resistência ao Vaticano II e às suas reformas, não se pode dizer que é uma opinião legítima defender que Ratzinger é Papa. Dizer isso é implicitamente admitir que não se está certo de que o Vaticano II e suas reformas são verdadeiramente contrários à fé e à moral. Ser opinionista acerca do papado de Ratzinger é ser opinionista (e, portanto, incerto) acerca de toda a base da resistência ao Vaticano II.

Se é possível que Ratzinger seja o Papa, então é possível que o Vaticano II, a Missa Nova, os novos sacramentos, o novo Código de Direito Canônico e o ecumenismo sejam católicos. Se é possível que Ratzinger seja Papa, então é possível que estejamos todos equivocados acerca do Vaticano II.

**2º ERRO:** *O opinionismo rebaixa a questão da identidade do Romano Pontífice a uma mera opinião teológica, como se fosse uma discussão entre teólogos semelhante àquela de quantos anjos cabem na ponta de um alfinete.*

É como se a questão da identidade do Romano Pontífice não tivesse efeitos dogmáticos e morais.

A identidade do Romano Pontífice tem enormes efeitos dogmáticos e morais. Em primeiro lugar, nossa fé depende de seu ensinamento. Estamos obrigados a prestar assentimento ao ensinamento da Igreja. Pois bem, a autoridade desse ensinamento provém de uma fonte única, a autoridade de São Pedro e sem essa autoridade não há nenhuma doutrina de assentimento obrigatório. Nenhum magistério poderia existir, seja solene, seja ordinário.

Por conseguinte, a salvação depende da submissão ao Romano Pontífice. Vai-se ao Inferno, se lhe for desobediente em questões graves ou, pior, se não lhe for submisso.

Então, como alguém pode ser tão indiferente acerca da identidade do Romano Pontífice, ao ponto de dizer que, na prática, não importa o que se pensa sobre ele? É como se o Romano Pontífice fosse meramente uma decoração na Igreja Católica, algo que a Igreja poderia até mesmo dispensar, um acessório puramente accidental, uma ninharia. É como se fosse possível conduzir uma versão própria do Catolicismo Romano sem o Romano Pontífice.

Opinionistas são ótimos em dizer que a questão do papado de Ratzinger não deveria nos dividir. Eles pensam que todos os tradicionalistas deveriam se unir, não importa o que eles pensem sobre o Papa.

Tal atitude, porém, não é católica. A própria identidade e unidade da Igreja Católica Romana são íntima e essencialmente ligadas ao Romano Pontífice, e sua identidade não pode ser uma simples matéria de “opinião”. Do mesmo modo, a nossa salvação – a questão de Céu ou Inferno – está ligada ao Romano Pontífice, e ser opinionista acerca de sua identidade equivale a ser indiferentista acerca de qual igreja é a verdadeira Igreja.

### **3º: ERRO:** *O opinionismo confunde conclusão teológica com opinião teológica.*

Uma conclusão teológica é, novamente, absolutamente certa, e às vezes está de tal modo ligada às verdades de Fé que, caso sejam negadas, ter-se-ia também que negar a própria Fé.

Uma opinião teológica, porém, é uma posição que tem evidências insuficientes ou defeituosas em seu favor, de modo que não se ficaria surpreso ao descobrir que a posição contrária está certa.

Como expliquei acima, os argumentos a favor ou contra o papado de Ratzinger repousam em certezas. Nenhum dos lados nega qualquer um dos fatos que são propostos em favor de suas conclusões.

Consequentemente, cada lado deve logicamente produzir, não uma “opinião”, mas certamente uma conclusão teológica. Isso é verdadeiro porque a conclusão será tão forte quanto seus princípios. Se não há dúvida nas premissas, não há como haver dúvida nas conclusões, desde que, claro, o processo lógico não tenha nenhum erro.

Portanto, se é suficiente a um homem, para ser um verdadeiro Papa, que ele simplesmente seja devidamente eleito, que ele aceite e aja como Papa e que ele seja universalmente aceito como Papa por aqueles que comumente são chamados de católicos no mundo, então é certo que Ratzinger é o verdadeiro Romano Pontífice, porque todas essas coisas são verdadeiras e verificáveis.

Por outro lado, se é suficiente para um homem ser um falso Papa que ele tenha a intenção de promulgar falsas doutrinas e más disciplinas, apesar de quaisquer outras aparências e elementos materiais de papado que ele possa ter, então é certo que Ratzinger é um falso Papa, já que sua intenção de promulgar e aderir ao modernismo é flagrante.

### **4º ERRO:** *O opinionismo defende que se possa sustentar que Ratzinger é ou não papa pela mera razão de que a Igreja não disse nada a respeito disso.*

As causas do papado ou não papado de Ratzinger são principalmente teológicas e não meramente legais. Em outras palavras, se Ratzinger não é o Papa, não é porque a Igreja o declarou um Antipapa.

Em vez disso, o oposto é o verdadeiro: a Igreja só o declararia um Antipapa, porque ele realmente não é Papa. A declaração da Igreja, nesse caso, daria apenas uma certeza legal de um fato existente. A Igreja, porém, nunca poderia declarar algo como legalmente certo, a não ser que a coisa já fosse realmente certa.

Por exemplo: A Igreja declara um casamento como nulo. Não é a declaração que causa a nulidade; é a nulidade que causa a declaração.

A declaração meramente produz um fato legal baseado na real existência da nulidade. A nulidade não pode ter um efeito legal até que seja declarada, mas a nulidade já existe antes da declaração. Muito antes da declaração de nulidade, o homem e mulher já não são marido e esposa. Eles estariam obrigados aos efeitos morais do “não casamento”, assim que estivessem cientes da nulidade; a declaração legal poderia sair só anos depois.

Portanto, está-se obrigado à conclusão teológica do não papado de Ratzinger, baseada na existência de provas certas, e isso muito antes de uma futura declaração de seu não papado. Um casal, certo da invalidade de seu casamento, não poderia agir como marido e mulher com a desculpa de que “bem, já que não há declaração de nulidade, podemos fazer o que quisermos!”. Então nós, que estamos agindo sob a premissa de que o Vaticano II e suas reformas são contrários à fé e à moral, não podemos reconhecer o papado de Ratzinger com a desculpa de que “bem, já que não há nenhuma declaração, podemos pensar o que quisermos!”.

Além disso, eu acrescentaria que aqueles que argumentam que ele é o Papa não podem sustentar que a Igreja não emitiu uma declaração sobre isso, ou que é uma matéria de opinião teológica, como se houvesse alguma dúvida no assunto.

Se os motivos para reconhecer-lhe como Papa são os que eu enumerei acima i.e., sua eleição e aceitação geral do povo, então, como pode haver qualquer dúvida?

Por outro lado, como se poderia sustentar que é legítimo enunciar que ele não é o Papa, como dizem os opinionistas, a não ser que se dê crédito aos princípios do sedevacantismo?

Mas os princípios do sedevacantismo argumentam com certeza que ele não é o Papa, e não meramente com probabilidade. Em outras palavras, ou se nega os princípios do sedevacantismo, ou se admite que suas conclusões são certas.

**5º ERRO:** *O opinionismo sustenta que nenhuma das posições é ofensiva à fé.*

Não é verdade. É ofensivo à Fé sustentar que um homem é o Papa, o Vigário de Cristo na terra e, ao mesmo tempo, conduzir um apostolado mundial de descrédito a ele. É ofensivo à Fé dizer que as doutrinas, disciplinas e ritos litúrgicos promulgados pelo Romano Pontífice são errôneos, heréticos, falsos, maus e/ou pecaminosos.

Pois bem, essa é justamente a posição dos tradicionalistas sedeplenistas da Fraternidade Sacerdotal São Pio X. Pior ainda, é a posição dos sedevacantistas opinionistas, que sustentam que Ratzinger não é o Papa, mas ao mesmo tempo dizem que a posição sedeplenista não é ofensiva à Fé.

Do mesmo modo, é ofensivo à Fé identificar a autoridade de Cristo com a promulgação de uma falsa doutrina e disciplinas más. É ofensivo à Fé identificar a Igreja Católica Romana com as crenças e observâncias mundiais do Vaticano II e de suas reformas.

Por outro lado, se Ratzinger é verdadeiramente o Papa, então é ofensivo à Fé sustentar que ele não é o Papa, e/ou que suas doutrinas e disciplinas são contrárias à Fé e à Moral.

Logo, o sedeplenista convicto não pode, em boa consciência, tratar a posição sedevacantista como uma posição teológica viável que não ofende a Fé. Do mesmo modo, o sedevacantista convicto não pode, em boa consciência, tratar a posição sedeplenista como uma posição teológica viável que não ofende a Fé.

Identificar a defecção do Vaticano II e de suas reformas com a autoridade da Igreja, como fazem os sedeplenistas, é destruir completamente a natureza da Igreja, que é uma instituição divina que goza da perpétua assistência de Cristo através do Espírito Santo. Se a Igreja pudesse fazer um desastre como o Vaticano II e seus efeitos, um desastre grande ao ponto de precisamos fazer uma forte resistência contra ele para salvar nossas almas, então onde está a assistência de Cristo? O sedevacantista resolve esse problema dizendo “essas reformas não vêm da autoridade da Igreja”. O sedeplenista, porém, não tem qualquer resposta, a não ser que recorra a interpretações e rejeições privadas do Vaticano II e de suas reformas. É uma atitude protestante.

O sedevacantista não pode sustentar a posição sedeplenista como uma opinião teológica viável, como se ela possuísse algum mérito provável. Se alguém é um verdadeiro sedevacantista e está convencido disso, deve tratar o sedeplenista como alguém que sustenta uma posição indefensável.

#### **4. UMA OBJEÇÃO**

Objeção: E se alguém estiver em dúvida acerca do papado de Ratzinger?

Eu respondo primeiramente dizendo que a dúvida só existe na mente, e nunca no mundo real. Na realidade, Ratzinger ou é Papa, ou não é.

Podemos moralmente manter-nos em dúvida?

Não. Como expliquei acima, a identidade do Romano Pontífice constitui essencialmente a identidade da Igreja Católica Romana e é o fundamento de sua unidade. Uma vez que estamos obrigados a professar a verdadeira fé e a pertencer à verdadeira Igreja, além de não manter-nos indiferentes quanto a isso, somos também obrigados a solucionar nossa dúvida a respeito da identidade do verdadeiro Romano Pontífice. Permanecer em dúvida sobre ele é continuar em dúvida acerca da própria identidade da Igreja. Além do mais, estamos obrigados a obedecer-lhe sob pena de pecado. Por conseguinte, não podemos ser complacentes na dúvida acerca de sua identidade.

A teologia moral nos exige resolver a dúvida através de um exame diligente. Na maioria dos casos, tal exame resolverá a dúvida acerca de Ratzinger em favor do sedevacantismo. Porque, afinal, se alguém está em dúvida sobre ele, é porque já foi movido pelos horrores do Vaticano II a questionar a ortodoxia daqueles que o promovem. Uma minuciosa investigação meramente revela que nossas suspeitas estão mais do que confirmadas, e a dúvida rapidamente dá lugar à certeza.

Se, por alguma razão legítima, não for possível conduzir um exame que dê evidências contra Ratzinger, então se está obrigado a resolver a dúvida por princípios reflexos, ou seja, por meio de certos princípios gerais de moral e de direito que dão certeza quando não se pode resolver a dúvida por conta própria. A teologia moral colocaria a dúvida a favor do papado de Ratzinger, uma vez que ele goza, ao menos aparentemente, de uma eleição válida e de uma aceitação geral do que é comumente conhecido como a Igreja Católica.

Portanto, o sedevacantista só pode ser sedevacantista se ele está SEGURO do não papado de Ratzinger, já que a dúvida irresoluta o colocaria no campo do sedeplenismo.

Logo, o sedevacantista não pode considerar a posição do sedeplenista como uma opinião teológica viável, como se toda a questão fosse duvidosa.

## 5. A HIPOCRISIA DA FSSPX

Pelo que me contaram muitas fontes confiáveis, tanto dentro quanto fora da FSSPX, eles oferecem aos seus sacerdotes, inseguros de mencionar o nome de Ratzinger no cânon, a possibilidade de serem sedevacantistas em segredo, mas publicamente sedeplenistas. Portanto, no altar eles omitem o nome modernista através do silêncio no cânon.

Porém, ao mesmo tempo, a FSSPX publicamente adere a seu papado por sinais externos. Em seus escritos, eles consideram os sedevacantistas como cismáticos, mas permitem que sacerdotes sedevacantistas circulem em seus postos e que ajam como padres em bons patamares.

Essa solução permitiu à Fraternidade evitar outra grande separação em sua hierarquia. Eles não admitem publicamente que eles têm sedevacantistas dentre seus sacerdotes. Sua posição pública é de que o sedevacantismo é cismático. Para mim isso é uma enorme desonestidade.

“Dizei somente: ‘Sim’, se é sim; ‘não’, se é não. Tudo o que passa disso vem do Maligno.”  
(Mt. 5, 37)

## 6. RESUMO E CONCLUSÃO

O opinionismo se baseia, na minha opinião, em um indiferentismo acerca do Romano Pontífice.

Os opinionistas querem viver em um mundo com Missa tradicional e Sacramentos sem nenhuma alusão ao Romano Pontífice. Para eles, não importa, na prática, se Ratzinger é ou não é Papa. Eles assistem a Missa de qualquer sacerdote, sem nenhuma preocupação sobre sua relação com o Romano Pontífice.

Tal atitude é extremamente perigosa. Ela remove o Romano Pontífice do Catolicismo e reduz nossa adesão à Fé tradicional a uma fórmula protestante de escolher somente o que apraz e ignorar o restante.

Houve tempos na história da Igreja em que, para ser católico, era preciso ser sedevacantista. Refiro-me ao interregno que ocorre todas as vezes que um Papa morre, sendo que certa vez durou três anos. Se um católico reconhecesse um Papa durante a vacância da Sé Romana, ele seria um cismático. Do mesmo modo, um católico seria cismático se ele não reconhecesse um Papa que verdadeiramente estivesse reinando.

Portanto, nessa situação, ou os sedeplenistas são cismáticos, ou os sedevacantistas são cismáticos. Um exclui o outro.

Esses dois sistemas antagônicos não podem ser considerados, juntos, como “opiniões teológicas legítimas”.